

ÚLTIMAS PERIPÉCIAS

© Moinhos, 2018.
© Filipe Pinho, 2018.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

P654u
Pinho, Filipe | Últimas peripécias

ISBN 978-85-92579-84-5

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Últimas peripécias 2. Filipe Pinho 3. Crônicas I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 72 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Belo Horizonte | Minas Gerais
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Últimas peripécias

Filipe Pinho





Sumário

Maturidade,	9
Vacilo,	11
Os carneiros,	13
Duelo de farmácias,	17
Certezas – Parte 1,	19
Intransigência humana,	21
Meu primeiro assaltante,	23
Certezas – Parte 2,	25
Super ctrl + z,	27
Biotônico Fontoura,	31
DDD (011),	33
Decibelímetro ,	35
Saia Midi,	37
Desabafo,	39
Negoção!!,	41
A anatomia das frutas,	43
Excesso de limpeza,	45
Livros para adoção,	47
História da civilização ocidental	
Sec. XXI — a engorda de dezembro,	49
Tradição,	51
Corpo desumano,	53
Espirro preso,	55
Na acupuntura,	57
Envelhecer,	59
Céu e inferno,	61
Chikunsaca,	63
Sessão de estressamento,	65



À Ju, Vivi e mamãe!

*Ao Marcio Arthoni, por me acompanhar em meu caminho;
ao amigo Daniel Medeiros pelo apoio na hora certa;
e à Socorro Acioli, minha mestra e recém-prima.*



Maturidade

Hoje, fui chamado de feio. Só feio. Não desejo a ninguém ser chamado apenas de feio. Estava tranquilo, na fila de um quiosque para comprar sorvete, na hora do lanche (que é coisa de gordo, não de feio), quando uma criança corta a fila bem a minha frente. Devia ter uns oito anos (uma mocinha). Toquei o seu ombro: “Oi, lindinha, o fim da fila é atrás do tio”.

Nenhum retorno da pequena. Dei o benefício da dúvida — ela poderia não ter escutado — e repeti o movimento. Continuou inerte. Percebi que era um clássico caso de mal educação infantil. Juro que não senti raiva. Me preocupei com a falta de civilidade da criança e quis ajudá-la, ensinando-a bons modos. Fui mais incisivo, falando mais próximo ao seu ouvido: “Oi, amiguinha, você passou na frente do tio. Isso não é legal! Sempre temos que seguir a fila e esperar que nos chamem”.

Dessa vez, ela girou para o lado e mostrou a língua. Movimento rápido, porém decidido. Respirei fundo... Tentei avistar possíveis responsáveis para que observassem o comportamento inadequado da menina. Surpreendentemente, parecia estar sozinha:

— Menininha, você está sendo desrespeitosa — falei com um tom seguro.

Ela virou bem devagar e com uma audácia nunca antes vista na história das audácias infantis, me olhou nos olhos, e com um biquinho de quem faz pouco:

— Melhor ser desrespeitosa do que ser feio!

Aí não... E não que seja mentira — não quero ser confortado, não é meu objetivo —, quero apenas alertar sobre a inconveniência do termo isolado. Machuca! “Seu feio filho da puta”, por exemplo, já é compreensível. Percebe-se que há uma energia sendo dissipada. Mas só “feio”? Aí não!

Com a calma de um adulto, agachei um pouco e rebati: “Pelo menos eu não tenho canela fina” (no caso tenho, mas o fato é irrelevante). Me senti no direito. E o que ela fez? Começou a chorar... Que aguardasse chegar em casa pra chorar (como eu fiz). Mas ali, no meio da praça de alimentação? Paciência...

E quem, convenientemente, chega nessa hora? A mãe, claro! Fui dedurado imediatamente, iniciando-se uma verdadeira acareação. A menina falava algo, eu desmentia, e vice-versa.

Viramos o centro da atenção do shopping.

— Ele disse que eu tenho a canela fina, mamãe!

— E tem mesmo, não vou mentir!

— O senhor não tem vergonha de se trocar com uma criança — disse a mãe com clara parcialidade.

— Mas foi sua filha que começou!

— Pois me escute aqui. O senhor é muito do imaturo!

— Melhor ser imaturo do que ser feia! — falei mesmo!

— Alô.

— Sr. Filipe Pinho?

— Sim.

— É da Livraria Sarabá. Seu pedido já se encontra em loja.

— Pedido?

— Sim, Senhor. O livro *Ménage à Trois. Uma experiência que funciona*.

Apesar de ter compreendido perfeitamente — voz de locutora a da funcionária —, segui o protocolo dos confusos:

— Repita, por gentileza, a ligação deve ter falhado.

— O livro que o Senhor reservou na semana passada, *Ménage à Trois. Uma experiência que funciona*, de Caco Fernandes, já está disponível em loja.

Adoro um belo engano. Me sinto protagonista de uma crônica.

— Sinto muito, minha amiga, houve algum equívoco.

— Sr. Filipe Pinho? CPF 000.8.6965-XX?

— Bem, esse sou eu, mas posso lhe assegurar que não requisitei o livro.

— Estranho. Inclusive, consta que o pagamento já foi realizado. Basta receber em loja ou enviamos para o seu domicílio.

— Agora o engano ficou evidente. Tanto não pedi o livro, quanto nunca pago pelo produto antes de tê-lo em mãos.

— Ok, Senhor. Vou descobrir o que houve. Peço desculpas pelo incômodo.

— Imagina. Sem problemas.

Desliguei o telefone e aproveitei o momento. Rindo, imaginei uma série de situações constrangedoras consequentes daquele fato. Imaginei o livro chegando a meu domicílio. Imaginei a Viviane recebendo-o e tomando conhecimento do seu conteúdo. Imaginei...

De tanto imaginar, lembrei que receberemos, no próximo mês, uma amiga do intercâmbio da minha esposa. Vivi sempre falou da russa com brilho nos olhos. Que era muito educada, a mulher mais linda que já tinha visto. Lembrei, ainda, que Viviane já comprou livros utilizando o meu cadastro. E que paga antecipado.

— Livraria Sarabá, Boa tarde.

— Boa tarde, minha amiga querida. Sou o Filipe. Acabamos de nos falar. É sobre o livro *Ménage à Trois, A melhor experiência que terei no próximo mês*, de Caco alguma coisa.

— *Uma experiência que funciona*, de Caco Fernandes.

— Esse mesmo... Desculpe o incômodo, viu? Mas o engano foi todo meu. Vacilei! Pedi o livro, sim. Onde estava com a cabeça? A senhora pode mandar por domicílio?

— Claro, Senhor. Mas cobraremos um adicional de...

— POUCO IMPORTA O ADICIONAL!

Os carneiros

Não gosto de falar mal do povo, mas os Carneiros me deixam com um nível de acidez insustentável.

Por exemplo, acabei de chegar do trabalho. Meu único desejo até dez minutos era tomar um banho e cair na cama. Ter raiva não estava nos meus planos. Agora estou aqui, estressado, por causa de mais um “comunicado importante” fixado no elevador pelos Carneiros.

“A QUEM INTERESSAR POSSA,
DOMINGO, CELEBRAREMOS O ANIVERSÁRIO DO
VITINHO.

ASS. CARNEIROS DO 1404”

Eu sou puto com os Carneiros do 1404! O fato deles se identificarem como Sr. e Sra. Carneiro já azeda a minha língua. Nada contra sobrenomes animais. Eu mesmo carrego o “Leitão” com muito orgulho. Contudo, não me apresento como um suíno.

Mas o que realmente me tira do sério são os comunicados que eles deixam nos elevadores. Eu fico muito maquiavélico com esses comunicados. Eles simplesmente noticiam momentos de suas vidas. É isso! Se não fossem as câmeras, o que eu já tinha escrito e desenhado nesses “boletins caprinos”...

Há uns seis meses, comunicaram uma viagem à Tailândia:

*“A quem interessar possa,
estamos de partida para a Tailândia. Viagem longa, mas,
sem dúvida, enriquecedora para Carneiros e Vitinho.
Ass. Carneiros do 1404.”*

Agora me diga se dá pra aguentar uma procedência dessa? Por que alguém se interessaria?? É como se víssemos no jogo de tabuleiro “Master” e os Carneiros fossem toda a categoria “curiosidades”.

PERGUNTA: O que os Carneiros fazem na Tailândia?

RESPOSTA: Se enriquecem com a viagem.

Pra finalizar, são excelentes puxadores de conversas desagradáveis. Um dia, desavisado, não percebi que o elevador vinha diretamente do 14°. Entrei rápido. Cabisbaixo, procurava um documento na minha pasta. Quando dei fé, a porta já tinha fechado. À minha frente, os Carneiros.

— Bom dia, Filipe — berrou o Carneiro com o seu tom sempre desanimado.

— Opa, Carneiro.

— Que país sem jeito esse nosso, hein?

— Hum... — e nesse momento, um desmaio seria incrivelmente bem-vindo.

— Ontem mesmo, meu tio, o que é desembargador, sabe? Foi assaltado... É muito marginal nesse país! Isso só acaba quando o exército fuzilar...

O elevador estava quase chegando ao núcleo da terra (sentia o mormaço intensificando), mas não chegava ao subsolo. Juro que do sétimo pro sexto andar não foram menos de cinco minutos, e esse Carneiro danado a falar desgraça.

Pro Carneiro, nada presta. O país, as máquinas de café expresso, a liberdade... Cara chato do cão! E a solução é sempre algo trágico: A desocupação de um morro, a falência de empresas, a ditadura militar etc.

Vou dizer uma coisa... Esses Carneiros... Rapaz, os Carneiros.... Melhor dizer nada não. Tive outra ideia! Vou

escrever um aviso e colar no elevador e em tudo que for de pilastra no prédio:

*“A quem possa interessar, próximo ano me candidatarei a síndico.
Principal proposta: churrasco de carneiro.*

Ass. Leitão do 1101.”

